

Rubem Braga

LUZES

O dia é feio; o mar, atrás dos dois pinheiros escuros, é cinzento e grosso. Um pequeno barco vai focinhando as ondas com dificuldades, rumo ao Sul; parece um pequeno animal ridículo e teimoso, e avança devagar, abrindo espumas.

Escurece. Daqui a pouco se acenderá o farol da ilha Rasa e também a pequena luzinha vermelha que pisca nas Cagarras, parece que na ilha das Palmas. Assim, não há perigo: quando estou muito desorientado, olho essas luzes no mar e me salvo de naufragar em terra.

Iria, uma preta magra, cantava na minha infância uma canção do tempo: "nô mar desta vida... às vêzes eu encontro... alguns escolhos... mas tudo vou levando... avante querida... pois guiam-me os teus olhos... pois guiam-me os teus olhos..." Pois sim; a mim me guiam os sinais das ilhas do mar; teus olhos só me fazem perder. És fogo-na-roupa, ó mulher. Estou cansado de andar aflito.

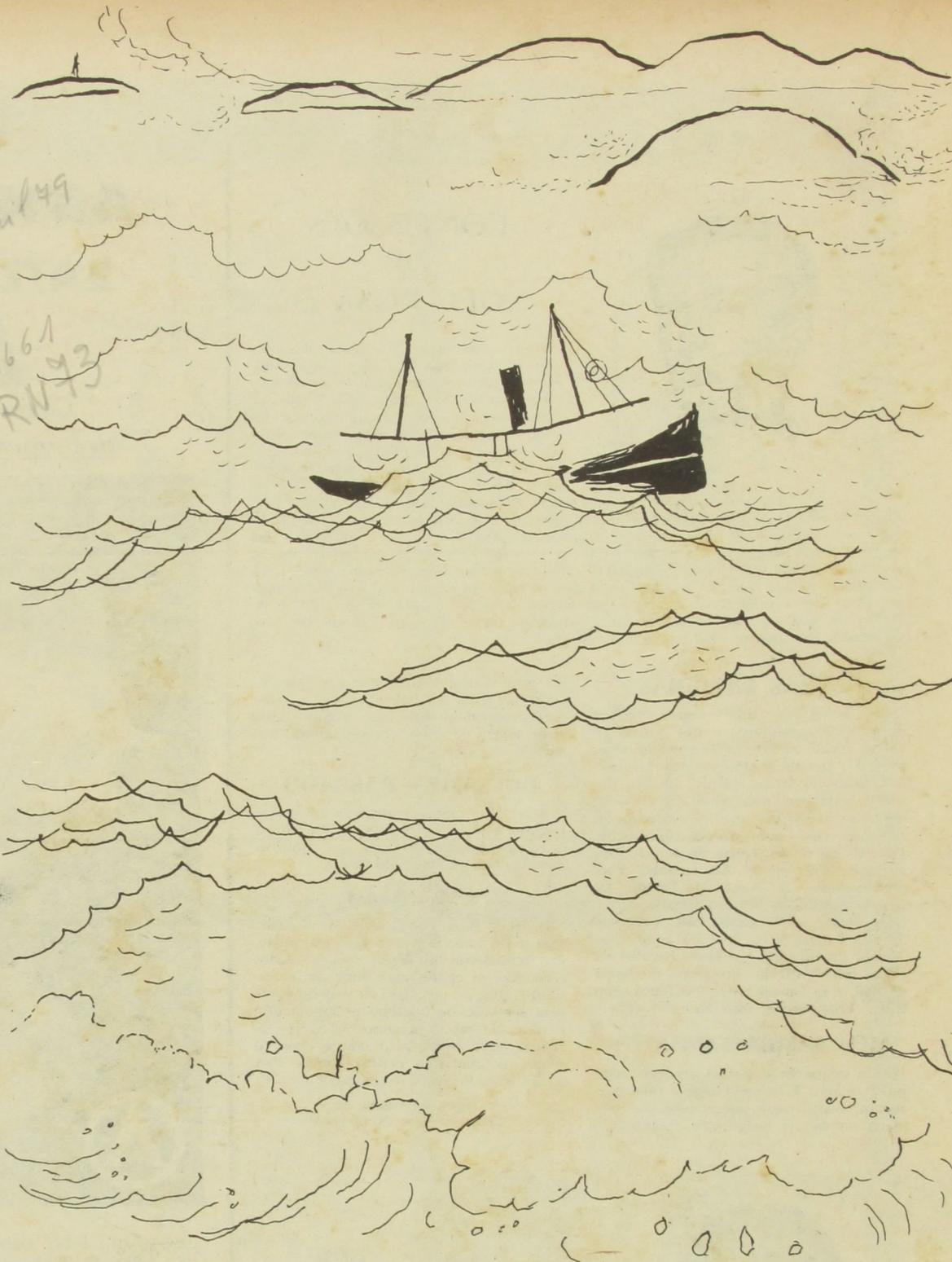
Outro dia passei um susto; veio aqui certa môça que saiu andando pelo telhado, saltou para o terraço da construção vizinha e se pôs a correr descalça, cabelos ao vento, a correr e a dançar sôbre o abismo. Eu chamava, ela se ria, como nos pesadelos. Fiquei frio, deixei a varanda, entrei, bebi mudo e trêmulo, esperando ouvir no rádio a história de sua morte e a notícia da minha prisão, sob graves suspeitas de crime na madrugada. Braga, o matador de môças, o monstro de Ipanema; e os vespertinos dariam com mau gôsto as fotos de seu corpo imóvel, a cabeça partida, o sangue. Era tão bonita!

Quando ia começar o entêrro com um extraordinário acompanhamento de curiosos — eu poderia ir ao entêrro? — ela voltou rindo, me acho ali, pálido. Sem alma: minh'alma caíra no abismo e o corpo, maquinal, bebia uísque puro para ver se fabricava outra. Levei-a a casa; tudo, tudo nesta vida, menos mulher que anda em telhado.

Uma outra anda no meu próprio telhado, pisa na minha cabeça, me amassa as circunvoluções.

A vida é complicada por causa dessas circunvoluções. Se um dia eu fizer um homem vou distribuir o seu cérebro para a direita e a esquerda em volutas, como nos capitéis jônicos; haverá mais harmonia; é verdade que logo aparecerão uns sujeitos canhotos do cérebro. Não, não vale a pena refazer a humanidade.

Está ficando escuro. Lá fora o mar está resmungando, grosso, como um bêbedo gordo. Acendei-vos, faróis! iluminai-me!



Sonêto

CAMPOS DE FIGUEIREDO

MEU DIA AZUL, SEM PENSAMENTOS
[CLAROS,
EM TI A LUZ DO SOL PENSA POR MIM.
EM TI, Ó LUZ, MEUS PENSAMENTOS
[PARO-OS
NA DISTÂNCIA DO TEMPO DE ONDE VIM.
NADA QUERO DE VÓS, SAUDADES LOUCAS!
ARDEI NO RIO EM FOGO DOS MEUS
[NERVOS!
MIRRAL, LÍRIOS DE SOL, DENTRO DAS
[BÔCAS
QUE NÃO SABEM CALAR-VOS NEM CON-
[TER-VOS.
E VÓS, Ó MINHAS NOITES JÁ COM LAIVOS
DO LUAR DUMA LUA QUE NÃO VEMOS,
CORREI COMO NAVIOS, E FECHAI-VOS
À FLOR DAS ONDAS, NO MOVER DOS
[REMOS.
E VÓS, PALAVRAS FUNDAS QUE NÃO DIGO,
SONHAI APENAS, E MORREI COMIGO.

NOTA — Campos de Figueiredo é um dos mais interessantes poetas portugueses contemporâneos.

